

Reed aconselha ao País negociar em abril

GEORGE VIDOR

A pior herança que o atual Governo poderia deixar para o futuro Presidente do Brasil seria uma crise com a comunidade financeira internacional. Por isso, ainda que tenha de lançar mão de uma parte de suas reservas cambiais, o mais prudente para o País seria manter o pagamento dos juros aos credores este ano, pois certamente colherá bons frutos na renegociação da dívida externa prevista para abril de 1990. E esta a mensagem que John Reed, Presidente do Citicorp/Citibank, maior credor estrangeiro privado do Brasil, transmitirá ao Presidente Sarney na audiência marcada para amanhã, em Brasília.

Reed, um banqueiro jovem (50 anos), para os padrões de idade do **grand monde** das finanças, viveu parte da sua infância no Brasil. O pai, americano, trabalhava na filial brasileira da multinacional Armour até 1948, quando mudou-se com toda a família para Buenos Aires, retornando, algum tempo depois, para os Estados Unidos. Tal experiência propiciou a John Reed perfeito domínio do espanhol. Com um pouco de treino, também consegue se expressar muito bem em português. O principal, porém, é que ganhou sensibilidade suficiente para entender o que anda se passando nos países que ficam abaixo do Rio Grande (divisa dos Estados Unidos e México).

Antes de embarcar para um programa de visitas que começou pela Venezuela, seguiu pelo Chile e termina agora no Brasil, Reed esteve em Washington tentando convencer a alta direção do Fundo Monetário Internacional a ser mais flexível com o Governo brasileiro. O FMI não gosta de falar em flexibilidade, mas o banqueiro sabe que o FMI a tem, e poderia usá-la para um acordo provisório, até a posse do próximo Presidente. Durante esse período, as autoridades brasileiras se comprometeriam a fazer todo o esforço possível para conter a inflação e o FMI manteria o fluxo de re-



John Reed visto como apaziguador

cursos que o País reivindica para normalizar seus compromissos.

Em abril, o Brasil estará em condições de melhor negociar a dívida, porque, até lá, a maioria dos principais devedores já terá passado por entendimentos com os credores. As

7-8-88

primeiras negociações são sempre as mais difíceis, pois nestas os bancos evitam ao máximo fazer concessões, com receio de que o país seguinte da fila de renegociação exija regalias ainda maiores. No caso do Brasil, no entanto, os banqueiros não estarão mais em condições de endurecer.

Com esse posicionamento, o Presidente do Citicorp não está querendo parecer "bonzinho" ou camarada com o Brasil, mas sim realista. O banco que dirige, o maior dos Estados Unidos, tem US\$ 4,6 bilhões em créditos amarrados ao futuro da economia brasileira. Se ela naufragar, com todas as reservas e provisões que possa já ter feito, o Citibank não sairia ilesa da crise.

Até, por hipótese, se o Brasil resolvesse recorrer à moratória, o Citibank não apelaria para retaliações, porque teme a reação de outros bancos. Na qualidade de maior credor, tem de zelar pelo estado da saúde financeira do Brasil que, no final das contas, tem sido um excelente cliente.